

CONFERÊNCIA

HERÓDOTO, O PAI DA HISTÓRIA (1).

Foi com muito prazer que acedi ao convite que me foi dirigido pelo regente da cadeira de “Introdução aos Estudos Históricos” e pela diretoria desta ilustre casa de ensino. O convite era pôsto em têrmos bastante liberais, deixando-me plena liberdade de escolher o assunto, contanto que se relacionasse com a historiografia. Após madura reflexão, decidi-me a tratar não de um problema puramente teórico, mas a falar de uma figura concreta, partindo dela para examinar algumas questões de interêsse geral. Por várias razões pareceu-me que a figura do historiador grego Heródoto de Halicarnasso seria excelente ponto de partida para o exame de algumas questões importantes relacionadas com as origens e a evolução da historiografia ocidental.

Ora, há várias maneiras de se aproximar da figura de Heródoto: Heródoto foi grande artista, grande estilista, ótimo narrador, viajante infatigável e etnólogo notável para a sua época: cada um desses aspectos poderia fornecer material abundante para uma série de conferências. Nesta palestra, porém, parece-me conveniente focalizar Heródoto como o pai da história, título êsse que lhe foi dado por Cícero (2), tornando-se o predicado inseparável do nosso autor. Mesmo delimitado assim, o assunto é vastíssimo, apresentando número tão grande de aspectos que se nos impõe uma seleção rigorosa. Proponho-me falar aqui de dois aspectos historiográficos da grande obra

(1). — O presente trabalho reproduz, com ligeiras modificações, o texto de uma conferência proferida pelo autor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Estado de São Paulo), no dia 10 de novembro de 1959. Não é uma pesquisa detalhadamente documentada e muito menos uma comunicação erudita dirigida a especialistas, mas uma simples introdução ao estudo de Heródoto. Solicitado a publicar seu trabalho, o autor não lhe quis tirar seu caráter de conferência, limitando-se a acrescentar-lhe uma pequena bibliografia, umas notas esclarecedoras e a indicação das passagens comentadas na obra de Heródoto.

(2). — Cícero, *De Legibus*, I 1, 15.

de Heródoto, dois aspectos estreitamente ligados entre si: o tema central das *Historiae* e sua elaboração filosófica. Mas antes de entrarmos no nosso assunto propriamente dito, cumpre situarmos a personalidade e a obra do nosso autor no seu contexto histórico.

*

Tudo o que sabemos a respeito de Heródoto, ou quase tudo, devemos-lo a algumas notícias aliás bastante escassas encontradas na sua obra, e a dois artigos bastante confusos (3) encontrados naquela enciclopédia bizantina que a tradição atribui ao monge Suídas (4).

Heródoto nasceu, por volta de 484 (5), em Halicarnasso, cidade grega (5a) situada na costa sudoeste da Asia Menor, país em que se cruzavam o Oriente e o Ocidente e que, portanto, devia ser excelente pôsto de observação para o jovem Heródoto. Sabemos que nosso autor pertencia a uma família ilustre (6), e até conhecemos os nomes dos seus pais: Lyxes e Dryo (7); seu tio (8) Panyásis foi um dos últimos poetas épicos da Grécia clássica, sendo autor de uma "Heraclêida", obra atualmente perdida. Esse detalhe aparentemente insignificante não deixa de ter certa importância, dada a escassez das nossas fontes: revela-nos um Heródoto pertencente a uma família tradicionalmente interessada na literatura, predispondo-o, por assim dizer, a constituir, na sua época, um elo de ligação entre a epopeia antiga e a historiografia moderna.

(3). — Suídas, s. v. Heródotos, e s. v. Panyasis.

(4). — Esta enciclopédia bizantina, atribuída até há pouco ao monge Suídas, traz o título "hè Souda" (Suídas é forma corrupta), palavra de origem latina (cf. *sudes*, — dis = "estaca") que, na língua bizantina, chegou a significar: "estacada" > "fortaleza".

(5). — A data de 484 baseia-se na teoria da *akmé*, que fixa o ano (desconhecido) de nascimento de um autor 40 anos antes de um fato notável que sucedeu na vida desse autor e que pode ser datado (aos 40 anos, o homem está no *akmé* = no "apogeu" da sua vida); na vida de Heródoto, o fato notável e "datável" é a fundação de Túrios no ano de 444/3. Cf. Aulus Gellius, *Noctes Atticae*, XV 23: *Hellanicus initio belli Peloponnesiaci (= 431) fuisse quinque et sexaginta annos natus videtur. Herodotus tres et quinquaginta (431 + 53 = 484), Thucydides quadraginta. Scriptum hoc est in libro undecimo Pamphilae* (contemporânea do Imperador Nero).

(5a). — Halicarnasso é nome pré-helênico (cf. Parnasso, Tartesso, etc.); a cidade, de origem "cárica", tinha sido helenizada pelos dórios das ilhas vizinhas, mas principalmente pelos habitantes da cidade de Tróizen no Peloponeso (cidade meio jônica, meio dórica). Muito provavelmente chegou Heródoto a aprender o dialeto jônico na sua pátria.

(6). — Suídas, s. v. Heródotos (*tôn epiphanôn*).

(7). — Dryo, de acordo com Suídas (s. v. Heródoto), mas Roló, de acordo com Suídas (s. v. Panyasis). — O nome do pai Lyxes é "cárico".

(8). — Tio paterno, ou tio materno, ou primo? O texto de Suídas está pouco claro.

A cidade de Halicarnasso, durante a juventude de Heródoto, era dominada pelo “tirano” (9) Lýgdamis: quando êste chegou a executar o poeta Panyasis, seu sobrinho refugiou-se na ilha de Samos, onde muito provavelmente tinha parentes (10). Ao que parece, alguns anos depois voltou para a sua terra, donde conseguiu expulsar o tirano Lýgdamis. Mas, — diz a tradição (11), — caiu vítima da “inveja” (*phthónos*) dos seus concidadãos, razão porque se viu obrigado a abandonar outra vez a cidade de Halicarnasso. Durante muitos anos, Heródoto levou uma vida de peregrinação, visitando a Ásia Menor, a Fenícia, a Babilônia (talvez a Pérsia), a Grécia própria dita, o Egito, a Cirenaica, etc. Não queremos discutir aqui a ordem e a cronologia das suas viagens, bastando dizer que o historiador recebeu impulsos poderosos do viajante: a geografia é a irmã gêmea da historiografia. Qual era a finalidade dessas viagens? Muito provavelmente Heródoto era negociante; grande número de passagens na sua obra mostram-nos seu interesse por questões comerciais (12). Mas Heródoto não era negociante vulgar; além do espírito mercantil, qualidade característica do povo grego, guiava-o também outro instinto helênico: o de fazer pesquisas e investigações. Heródoto é representante típico do grego clássico que combina com um espírito bem realista aquêlo desejo de saber desinteressado, aquela curiosidade intelectual que, herança intelectual dos antigos gregos, se foi integrando na nossa cultura ocidental, diferenciando-a de tôdas as outras civilizações. A admiração pelas coisas que, segundo Platão e Aristóteles, é a mãe de toda e qualquer investigação científica e de toda e qualquer especulação filosófica, é palavra frequentemente usada por nosso autor, tornando-se uma das suas características principais.

-
- (9). — “Tirano”, no sentido clássico da palavra, significado que não coincide necessariamente com o emprêgo atual; na Grécia clássica, era considerado como “tirano” quem tinha subido ilegalmente ao poder, geralmente, com o apóio do povo.
- (10). — A mãe de Heródoto era provavelmente de Samos; cf. também seu nome: *Her-ó-doto* = “dádiva de Hera”; esta deusa era venerada, de modo especial, na ilha de Samos. — O nosso autor conhece bem Samos e mostra certa predileção por ela (p. e. III 54-60; VI 14; etc.).
- (11). — Suídas, s. v. Heródoto, e o epitáfio de Heródoto em Túrios (comunicado por Stephanus Byzantinus).
- (12). — Cf. Hdt. III 110:111; II 105; IV 74, etc. (mercadorias); I 194; II 96 (meios de transporte); IV 61, 1; IV 152, 4 (térmos comerciais) etc. — E’ possível que Heródoto, do mesmo modo que Sóton (cf. Plutarchus, Solon, 2), tenha iniciado sua carreira como *émporos* (= “negociante”); em todo o caso, não despreza nem o comércio nem o artesanato (cf. Hdt. II 167, 2), como era o caso normal no fim do século V e no século IV (Platão, Xenofonte, Aristóteles, etc.).

Durante vários anos, Heródoto deteve-se em Atenas, onde deve ter conhecido os personagens ilustres da sua época (por exemplo, Péricles) e se fez amigo do dramaturgo Sófocles (13). Nesta cidade, o grande centro cultural da Grécia, o autor recitou vários episódios da sua obra perante um público entusiasmado (14). Segundo a tradição, a cidade o teria premiado esplêndidamente (15), e Tucídides, ainda jovem, assistindo a essas declamações, teria descoberto em si sua vocação para a historiografia (16). Mas o espírito inquieto do eterno peregrino não lhe permitia que se estabelecesse definitivamente em Atenas, com cuja democracia radical, aliás, pouco simpatizava (17): no ano de 444-3, — a única data seguramente estabelecida na vida do nosso autor, — tomou parte na fundação da cidade de Túrios (18), colônia ateniense na Itália do Sul, a então Magna Grécia. Aí passou vários anos da sua vida, fazendo dela sua segunda pátria (19); aí completou e ordenou sua obra histórica, dando-lhe a estrutura com que chegou aos nossos dias (20); aí morreu, muito provavelmente nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso, isto é, entre 430 e 425 (21).

Eis o resumo da vida de Heródoto, — dados escassos e fragmentários, muitos dos quais não podem ser registrados sem sinal de interrogação. Deixemos agora o terreno da biografia para prestar atenção ao historiador e à sua obra.

-
- (13). — Deduz-se o fato de um poemeto dedicado por Sófocles a Heródoto (apud Plutarchum, *An seni sit respublica gerenda*, 3) e do paralelismo entre Sophocles, *Antigone*, 905-914 e Hdt. III 119 (uma mulher casada prefere seus irmãos ao espôso e aos filhos).
 - (14). — Eusebius, *Chronicon*, ad annum 446/5; Diyllus (historiador do século IV a. C.) (apud Plutarchum, *De Herodoti malignitate*, 26). — Segundo Luciano (de Herodoto, 1-2), Heródoto teria recitado suas obras em Olímpia.
 - (15). — Suídas, s. v. *Thoukydides*; cf. Marcellinus, *Vita Thucydidis*, 92.
 - (16). — Segundo Diyllus (cf. nota 15), Heródoto teria recebido 10 talentos, à proposta de um certo Anito (o acusador de Sócrates?).
 - (17). — Heródoto era mais inimigo dos "tiranos" (cf. V 78) do que democrata doutrinário.
 - (18). — Túrios era uma colônia pan-helênica, fundada sob a liderança dos atenienses (cf. Diodorus, XII 10, 3, e Strabo, VI 263).
 - (19). — Já no século IV a. C., parece que alguns manuscritos das *Historiae* traziam o título: "Relatório das investigações feitas por Heródoto de Túrios"; também alguns autores, p. e. Juliano-o-Apóstata, lhe dão este etnônimo. Muito provavelmente foram os bibliotecários de Alexandria que lhe restituíram seu etnônimo verdadeiro: "Heródoto de Halicarnasso".
 - (20). — Mas a organização em nove livros atuais, cada um dos quais é consagrado a uma das nove Musas, remonta só à época alexandrina; Luciano de Samósata (século II d. C.) é, na literatura, o primeiro a usar-se desta designação (*Quomodo historia conscribenda sit*, 42).
 - (21). — Heródoto não registra nenhum fato posterior ao ano de 430; nada sabe da derrota dos eginetas em Tírea, fato que se verificou em 424 (cf. Thucydides, IV 57) — e que Heródoto, se o tivesse sabido, não podia ter deixado de registrar nas *Historiae* (IV 91).



Heródoto viveu, globalmente falando, entre os dois grandes conflitos do povo grego no século V, entre as guerras persas e as guerras do Peloponeso, isto é, numa Grécia vitoriosa sobre os bárbaros e cheia de si, numa Grécia dolorosamente dividida por correntes de separatismo e por tentativas de imperialismo, mas numa Grécia ainda não dilacerada, massacrada e humilhada. Neste ambiente viveu e respirou Heródoto, dêste ambiente sua obra é a eloqüente expressão, dêste ambiente o autor pretende descrever as aspirações e as angústias.

Qual é, então, o tema central da sua obra?

O próprio autor nos diz na frase inicial das **Historiae**:

“Eis o relatório das investigações feitas por Heródoto de Halicarnasso. O autor não quer que, no decurso do tempo, se vá obliterando a memória das realizações humanas, mas deseja que as grandes e notáveis obras, feitas pelos gregos e pelos bárbaros, continuem vivendo na recordação dos homens. Sobretudo quer mostrar por que razão entraram em conflito uns com os outros”.

Esta frase, reproduzida aqui um tanto livremente, mas com toda a fidelidade quanto ao seu conteúdo, merece um exame atento por nossa parte.

I. Heródoto apresenta sua obra como o “relatório das suas investigações”, e não como a transmissão de contos tradicionalmente acreditados. Por isso, ao invés de Homero e Hesíodo, os dois grandes mitógrafos do povo grego, Heródoto não invoca as musas no exórdio das **Historiae**; não se considera como pessoa divinamente inspirada, e sim, como homem “esclarecido”, que deve seus conhecimentos a si próprio. Por outras palavras, Heródoto não é mitógrafo, mas “logógrafo”, sendo o que nos comunica uma coleção de “lógoi”, isto é, de “histórias” baseadas em documentos (experiências adquiridas por êle próprio durante suas viagens; contactos pessoais com várias pessoas na Grécia e no estrangeiro; o confrônto de diversas testemunhas; o exame de monumentos literários e arqueológicos). Em suma, o que se nos patenteia neste proêmio de Heródoto, é uma atitude “científica” diante dos fatos históricos, contanto que tenhamos o cuidado de não interpretar a palavra “ciência” no sentido cartesiano. Não nos causa espécie que o autor, ao relatar-nos suas múltiplas experiências, se tenha servido da prosa, e não da poesia. A prosa é o veículo mais indicado para a comunicação de fatos cientificamente verificados, ao passo que a poesia é a filha da imaginação. E’ neste contexto tam-

bém que encontramos a palavra **historía** (no sentido de “investigação”), precursora da palavra moderna “história”; **historía** (22) é a atitude de quem quer saber, ou melhor, de quem quer entender as coisas na sua mútua conexão; **historía** era palavra usada pelos filósofos chamados pré-socráticos para indicar suas investigações filosóficas e científicas, palavra que Heródoto aplicou a outro campo do saber humano: o saber relativo aos fatos memoráveis da história humana (23).

II. No mesmo próêmio depara-se-nos uma segunda característica não menos importante do que a primeira: é a abertura mental de Heródoto, condição imprescindível para todo e qualquer historiador. O nosso autor promete registrar os fatos memoráveis da história humana, não se limitando aos fatos memoráveis do povo grego, mas se estendendo também aos fatos memoráveis dos bárbaros. Aqui nos seja permitido tecer um breve comentário.

O homem moderno, ao falor da antiga Grécia, deve livrar-se de algumas conotações anacrônicas; o perigo é muito grande de pensar-se em categorias análogas às que usamos hoje em dia, por exemplo, em relação à França ou à Inglaterra. Ora, a Grécia clássica, ou melhor o mundo helênico, não correspondia à Grécia no sentido atual da palavra; a Grécia existia por toda a parte onde havia gregos, e havia gregos quase por toda a parte no mundo mediterrâneo: na Grécia propriamente dita, no Arquipélago, na Itália do Sul, na Cirenaica, na Asia Menor, no Bósforo, na Criméia, etc. A Grécia propriamente dita constituía, em vários períodos históricos, uma parte relativamente pouco importante do mundo helênico. A “Grécia”, no sentido de “mundo helênico”, não era portanto uma expressão geográfica, mas um complexo nacional, ou antes, cultural (24). Nos tempos de Heródoto, esse mundo helênico não constituía uma

(22). — A raiz das palavras *historia* e *histor* (lit.: “o sabedor, o sábio”) é *weid-* ou *wid-*, encontrando-se também no verbo latino *videre*, no substantivo grego *idéa*, no verbo alemão *wissen*, no subst./verbo inglês *wit*, etc. Cf. ainda, em sânscrito: *Rig Veda* = “o saber (dos hinos)”.

(23). — Hdt. VII 96, 1 já usa a palavra *historía* num sentido que se aproxima muito perto do significado moderno; quanto ao emprêgo da palavra *historía* (forma jônica: *historie*, forma usada também por Hdt.), cf. Diels-Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Bd. III, pág. 219.

(24). — O nome grego da Grécia é *Hellás*; o de grego é *Héllen* (palavras ainda normalmente usadas na Grécia moderna). — Os *graikói* eram uma tribo grega perto de Dodona em Epiro (cf. Aristóteles, *Meteorologica*, I 14); foram talvez estes *graikói* que deram aos habitantes da Itália a palavra *Graecus*, como *pars pro toto* (cf. na Europa, o nome dos alemães (Alemani) entre os franceses, espanhóis e portugueses). Mas esta explicação não passa de uma hipótese; é possível que a palavra *Graecus* (*Graius*) tenha origem nitidamente itálica.

unidade política, mas estava dividido em inúmeras cidades-estados (**póleis**), cada uma das quais tinha o seu regime próprio e as suas características particulares. Uma eram democráticas (por exemplo, Atenas), outras aristocráticas (por exemplo, Esparta), outras ainda eram governadas por “tiranos” (por exemplo, Siracusa); umas eram progressistas (em geral, os jônios), outras conservadoras (em geral, os dórios); umas viviam da agricultura, outras do comércio e da indústria (por exemplo, Atenas e Corinto); umas pertenciam à categoria de “metrópoles”, outras ao número de “colônias”, etc. etc. Este mundo helênico, espalhado pelo Mar Mediterrâneo e dividido em centenas de **póleis** minúsculas, vivia em meio aos “bárbaros”, sentindo-se, apesar de tôdas as diferenças internas, uma unidade nacional: adorava, — pelo menos, oficialmente, os mesmos deuses, lia os mesmos poetas (Homero, Hesíodo, Arquíloco, etc.), recorria aos mesmos oráculos para consultar os deuses (por exemplo, ao oráculo de Apolo em Delfos) e reunia-se nos mesmos lugares para celebrar suas festas religiosas e esportivas (por exemplo, em Olímpia). Em suma, o que os gregos, antes de mais nada, diferenciava dos bárbaros circunvizinhos, era o que poderíamos chamar **the Greek way of life**, uma situação mais ou menos comparável à que existia na Índia e na Indonésia, onde os ingleses e os holandeses viviam como ocidentais em meio aos hindus e aos javaneses, — dois mundos quase hermêticamente fechados um para o outro. A falta de uma unidade política, a diversidade dos regimes, dos dialetos, a grande variedade de costumes e tradições, a divergência dos interesses econômicos, etc., — tudo isso não podia deixar de criar entre os gregos certas antinomias que não raro se manifestavam em rivalidades e até em conflitos armados. Pior ainda: na época em que Heródoto viveu, viu-se a construção de grandes federações antagônicas, uma liderada por Atenas, a outra por Esparta, antagonia que, no fim da vida do nosso autor, havia de resultar na guerra fratricida do Peloponeso.

Qual é a atitude de Heródoto em relação a êsse separatismo dos seus contemporâneos? Homem viajado e cidadão de tantas pátrias adotivas, não era — nem podia ser — “bairrista”; sua história não é uma glorificação nem de Halicarnasso, nem de Samos, nem de Atenas, nem de Esparta, nem de Túrios. Já por êsse motivo revela maior largueza de espírito do que seus precursores, os chamados logógrafos que, geralmente, se tinham limitado à história local ou regional (25). Heródoto vê

(25). — Os mais importantes dêstes logógrafos foram: Xanthos o lídio (autor de uma história lídia), Charon de Lámpsaco (autor de uma história persa,

complexos muito maiores: os gregos e os bárbaros. Tal atitude é incompatível com um “bairrismo” estreito, devendo resultar inevitavelmente numa apreciação mais ou menos relativista das diversas **póleis**. Heródoto, grego autêntico do século V antes de Cristo, pretende escrever um capítulo da história universal, visto não pelo prisma de uma cidade provinciana, mas dentro de uma perspectiva nacional e até internacional. Heródoto é, em certo sentido da palavra, “pan-helenista”. Eis um dos títulos da sua grandeza: conseguiu guindar-se a uma visão histórica dos fatos contemporâneos isenta dos interesses imediatos de um programa político.

Apesar dessa perspectiva nacional, — não digo, nacionalista, — Heródoto não chegou a preconizar a unidade política dos gregos, como um Isócrates havia de fazer um século depois (25a). Ao que parece, deleitava-se o nosso autor na contemplação de uma Grécia diversificada e envolvida num belo certame de nobre competição; seu ideal era uma Grécia não forçadamente unificada, e sim, uma Grécia livremente unida em tôdas as questões de importância vital (26). Esta atitude é típica da mentalidade do povo grego na sua época clássica: o grego clássico era homem “agonístico” por excelência, quer dizer: amava apaixonadamente o **agôn** enobrecedor, o certame esportivo entre homens livres, a competição das partes constituintes entre si para chegar a uma unidade superior. Tradu-

etc.), Helânico de Lesbos (mitógrafo, etnógrafo e cronista) e — o mais importante de todos — Hecateu de Mileto (autor de “Genealogias” e de uma “Descrição da Terra” = espécie de itinerário). De todos êles chegaram aos nossos dias só fragmentos exíguos, o que dificulta — ou melhor, impossibilita — uma comparação objetiva entre suas obras e as *Historiae* de Heródoto. Hdt. menciona várias vezes Hecateu (II 143; V 36; V 125-6; VI 137); muito mais freqüentemente ainda, refere-se indiretamente a êle, quase sempre com o objetivo de impugná-lo (p. e. na questão das inundações do Nilo, II 21). Não podemos entrar aqui na discussão das relações entre os antigos logógrafos e Hdt.; basta dizermos que, a nosso ver, muitos filólogos modernos exageraram a importância dos logógrafos — sobretudo a de Hecateu — para as *Historiae* de Hdt. Apesar dos numerosos empréstimos materiais, Hdt. era muito superior aos seus precursores no que diz respeito à concepção e à elaboração da sua obra. — Cf. também Strabo, *Geographica*, I 2, 6.

- (25a). — Também o “pan-helenismo” de Isócrates tem sido muitas vezes mal interpretado, à luz de princípios e conceitos modernos; Isócrates não fez propaganda por uma Grécia unitária, e sim, por uma livremente Grécia confederada e liderada por uma figura forte, capaz de derrotar os bárbaros.
- (26). — Cf. Hdt. VIII 3 (os atenienses despojam o espartano Pausânias do supremo comando); VI 98, 2 (o autor deplora as tentativas das cidades gregas de conquistar a hegemonia); VIII 9, 2 (contra o separatismo grego), etc. — As guerras persas foram um grande mal para ambos os povos (cf. V 97, 3), mas uma guerra civil é ainda pior do que uma guerra; ora, as guerras entre os diversos helenos têm o caráter de guerras civis (VIII, 3, 1). Cf. Plato, *Republica*, 470 sg.

zido em t ermos mais abstratos, o ideal não era nem uniformização nem nivelamento, mas “integração atrav es de diferenciação”, — id eia que, no mundo moderno, se tornou outra vez atual e talvez tenha a possibilidade de vencer não são o nacionalismo estreito, como tamb em o internacionalismo nivelador. Com efeito, o espírito agonístico do povo grego poderia ser um fermento excelente do federalismo moderno.

A unidade do povo grego consistia, para Heródoto, não numa organização centralizada e uniformizada   maneira das grandes monarquias orientais, mas era uma coisa muito mais profunda, embora difícil de definir. Talvez nos seja possível adquirir uma noção mais clara do t ermo: **the Greek way of life**, se o confrontarmos com a id eia expressa pela palavra “bárbaro”. Esta palavra designava, inicialmente, um estrangeiro que falava uma língua ininteligível para o grego (27), não implicando nada de depreciativo (28). Mas o grande surto da civilização helênica, no século VI antes de Cristo, f z com que o t ermo fôsse adquirindo uma certa conotação de inferioridade em relação aos “gregos civilizados”, e as guerras persas que tanto danificaram a Grécia, não pouco contribuíram para que se lhe ligassem fortes sentimentos de ódio e de vinga  a. “Grego” era o homem livre, a participar ativamente nos negócios da **pólis**, disposto a defendê-la de todos os ataques internos e externos; “grego” era o homem que exercitava o seu corpo, não para fins militaristas, mas como meio de educação (**paid ia**); “grego” era quem procurava desenvolver harmônicamente suas faculdades físicas e mentais, mostrando certa curiosidade intelectual e revelando certo senso est tico. “B rbaro” era o escr vo, a obedecer cegamente às ordens caprichosas e, muitas vêzes, cruéis de um déspota, a levar uma existência indolente, ou então, francamente utilitarista; ao “bárbaro” faltavam a moderação, o comedimento, “o justo meio” (29).

Ninguém traduz melhor do que Heródoto os sentimentos briosos dos gregos em relação aos bárbaros, dizendo por exemplo:

-
- (27). — A palavra bárbaros   onomatopéia (bar-bar = “falar de modo ininteligível” para outros, cf. em latim: balbutire, e em português: “balbuciar”). Homero (*Ilias*, II 867) fala nos “c rios” barbar phonoi; cf. ainda São Paulo, I Ep. aos Cor., 14, 11: “Se eu não entender o que significam as palavras, serei bárbaro para aquêle a quem falo; e o que fala, será um bárbaro para mim”.
- (28). — Com a restri o importante de que para povos primitivos, em geral, outros povos passam por inferiores; quem não   “da gente”, corre o risco de não ser considerado como “gente”.
- (29). — A “pobreza” natural da Grécia vem a ser para seus habitantes um forte estímulo para se defender da “miséria” e do despotismo, cf. Hdt. VII 102, 1.

“desde tempos imemoriais, o povo grego foi segregado dos bárbaros, por ser mais hábil, e por estar mais afastado da tolice e de uma mentalidade simplória” (30).

O grego é, portanto, um ser superior a um bárbaro, e inúmeras passagens da obra de Heródoto revelam orgulho patriótico (31), bem como, denunciam o espírito servil dos bárbaros (32). Mas com a amável ironia que lhe é peculiar, Heródoto comunica-nos que os persas medem o valor de povos estrangeiros pelo grau de vizinhança com a Pérsia; quanto mais próximos aos persas, tanto mais os estimam; quanto mais afastados dêles, tanto menos os prezam (33). Em outro lugar relata que os egípcios se consideram superiores a todos os outros povos do mundo (33a). Quem viaja muito e com os olhos desimpedidos, acaba por tornar-se prudentemente relativista em todos os assuntos puramente humanos, e já não acredita na superioridade absoluta ou na inferioridade absoluta de povo algum. Por isso mesmo, Heródoto, apesar de ser grande admirador das façanhas feitas pelos gregos, principalmente pelos atenienses (34), fala com muita franqueza nas virtudes dos bárbaros e nos vícios dos seus patrícios, cumprindo a palavra dada no seu proêmio de mencionar as grandes realizações feitas pelos gregos e pelos bárbaros. Elogia a grande habilidade dos fenícios em questões de navegação e de engenharia (35), — os fenícios que eram (ou, tinham sido) os grandes concorrentes dos negociantes gregos e cuja desonestidade era proverbial no mundo helênico. Contempla com profunda admiração os antigos monumentos erguidos pelos faraós do Egito e pelos monarcas da Babilônia (36). Registra com tôda a franqueza os empréstimos culturais que o mundo helênico deve aos bárbaros: o alfabeto aos fenícios (37), as moedas aos lídios (38), as medidas do tempo aos babilônios (39), e tende a exagerar a importância e o valor da dívida cultural e religiosa dos gregos aos egípcios (40). Exalta a leal-

(30). — Hdt. I 60, 3.

(31). — Cf. Hdt. VIII 26 (sobre os jogos olímpicos); IX 79, 1 (a humanidade dos gregos); VII 136 (o amor da liberdade); VII 104 (o desprezo dos bens materiais); cf. ainda VII 135; VIII 143.

(32). — Cf. Hdt. III 34; I 117-119, etc.

(33). — Hdt. I 134, 2.

(33a). — Hdt. II 121, fim.

(34). — Hdt. V 78; VII 139, 2; VI 112, 2.

(35). — Hdt. VII 23, 3; VII 44; VII 99, 3.

(36). — Hdt. I 93, I; II 99-160; I 194; II 48, 2, etc.

(37). — Hdt. V 58.

(38). — Hdt. I 94.

(39). — Hdt. II 109, 3.

(40). — Hdt. II 32 (a origem egípcia de Héracles).

dade dos persas, também em situações difíceis, mostra simpatia por vários conselheiros do Grande Rei (41), e entusiasma-se pela honestidade, base de todo o sistema educacional dos persas (42). Por outro lado, desmascara o separatismo mesquinho dos seus compatriotas, sua corrupção, sua falta de lealdade e de honestidade, seus atos freqüentes de traição da causa comum (43). Com muita ironia cita a palavra de Ciro que define a feira de Atenas como o lugar, onde os cidadãos se reúnem com o objetivo de se enganar mutuamente (44). Tudo isso lhe valeu o predicado de **philobárbaros** na Antigüidade (45).

Heródoto nem desprezava os bárbaros nem idolatrava os gregos, revelando uma isenção de espírito que ainda hoje é rara em escritores de história contemporânea: não esqueçamos que sua história é essencialmente contemporânea. Heródoto vê a relatividade da comédia humana, atitude essa que não exclui um patriotismo autêntico, mas o premune contra o perigo de um nacionalismo estreito. Sua atitude perante os gregos e os bárbaros poderia parecer-nos coisa banal, mas quem conhece um pouco a história das idéias na antiga Grécia, deve reconhecer que Heródoto, neste particular, em lugar de ser um simples expoente da sua época, foi um precursor de idéias novas e quase revolucionárias, — idéias novas, sem dúvida, não pregadas com paixão, e sim, com uma fina e discreta ironia, de acôrdo com o temperamento muito equilibrado do autor. Uma ironia que, em muitos pontos, nos faz lembrar do **sense of humour** britânico, uma de cujas características essenciais é o casamento feliz entre o intelecto e o coração, uma disposição mental aparentemente fria, mas, na realidade, não destituída de uma sensibilidade delicada, que aceita com amor as coisas concretas do mundo, embora sejam pequenas, deficientes e até, por vêzes, ridículas.

Seja como fôr, tal isenção de ânimo não foi — nem pôde sê-lo — a qualidade do povo grego na sua totalidade. Não podemos dar aqui a história do nacionalismo grego, mas temos motivos de sobejo para acreditar que a maior parte dos helenos concordava plenamente com as palavras de Ifigênia, figura dramática de Eurípidés:

(41). — Hdt. VII 101-102; VII 234-235; VIII 68-69.

(42). — Hdt. I 136, 2; I 138, 1.

(43). — Cf. p. e. o retrato de Temístocles, o herói de Salamina, no livro VIII.

(44). — Hdt. I 153,1

(45). — No panfleto *De Herodoti malignitate*, atribuído a Plutarco.

“Convém que os gregos dominem sôbre os bárbaros, e não os bárbaros sôbre os gregos. São aquêles uma raça de escravos, mas êstes nasceram livres” (46).

Não seria difícil aumentar a lista de exemplos: até Platão (47) e Aristóteles não estavam isentos de certos preconceitos da sua época. Aristóteles defendia a “escravatura natural” dos bárbaros, dando ao seu aluno Alexandre Magno o conselho de ir conquistar o mundo dos bárbaros para os gregos, seus senhores naturais (48).

III. Mas voltemos ao nosso assunto. Já conhecemos Heródoto como “investigador” e como historiador de espírito largo e sereno; agora precisamos conhecer outro aspecto da sua obra. No proêmio lemos que o autor quer informar-nos por que razão os dois mundos — os gregos e os bárbaros — chegaram a combater-se. Aqui se nos apresenta o tema central das *Historiae*, cujo exame nos dará a oportunidade de estudar também a elaboração científica do mesmo.

O tema central da obra de Heródoto, embora muitíssimas vezes abandonado para fazer digressões (49), é a luta entre os gregos e os bárbaros. Luta multissecular, pois não podemos ver uma das suas primeiras manifestações na guerra dos heróis aqueus contra a cidade de Tróia em tempos pré-históricos ou “místicos”? E não podemos dizer, — sempre do ponto de vista de Heródoto — que a invasão dos exércitos persas nas terras da Grécia constitui o ponto culminante desta oposição eternamente presente? A luta entre o Ocidente e o Oriente, entre o mundo livre e o mundo composto de escravos, entre o mundo individualista e cívico e o mundo coletivista e massificado, — eis o tema central de Heródoto, cuja exposição o leva para as origens pré-históricas do conflito, bem como, para os diversos países e regiões em que se manifestou.

Mas êste tema central não deve sômente ser exposto e desenvolvido, mas também precisa ser entendido e “explicado”; diz o autor no seu proêmio: “sobretudo quera mostrar **por que razão** os dois mundos entraram em conflito um com o outro”. A historiografia não passaria de pura cronística, se ela se contentasse em relatar só os fatos, sem procurar sua conexão mú-

(46). — Eurípides, *Iphigenia in Tauris*, 1400-1401.

(47). — Cf. Plato, *Respublica*, 470 C (os bárbaros são os inimigos naturais dos gregos). Mas cumpre reconhecermos que a atitude de Platão é muito mais moderada do que a de Aristóteles.

(48). — Aristóteles, *Politica* I 1, 5; III 9, 3; cf. Arrhianus, *Anabasis*, VII 4, 4-8.

(49). — O autor emprega o termo *parenthéke* para indicar uma digressão (cf. Hdt. VII 171, 1).

tua, sem buscar uma seriação de causas e efeitos. A procura de causalidade dá às *Historiae* seu caráter “científico”, colocando-as ao lado das outras grandes tentativas feitas por seus contemporâneos no sentido de dar uma explicação racional do universo. Heródoto foi o primeiro, quanto nós sabemos, a fazer uma pesquisa científica (isto é, sistemática, metódica, ampla e “imparcial”) das forças que atuam no processo histórico, — o universo humano por excelência.

Para sabermos a aplicação prática desse princípio “etiológico” (50) ao material recolhido, nada nos parece melhor do que seguirmos as linhas gerais da sua obra; este procedimento nos permitirá também uma visão da elaboração artística por parte do autor.

Qual é a origem do conflito entre os gregos e os bárbaros? Heródoto começa por relatar as razões que, segundo êle, são dadas pelos persas para elucidar as raízes históricas da oposição entre o Oriente e o Ocidente. Essas razões têm caráter nitidamente lendário, — nós diríamos, são explicações mitológicas, e não históricas, — mas Heródoto, relator minucioso e “imparcial”, não quer excluir nada de antemão, julgando que tôdas as tradições valem a pena de ser registradas. Ora, segundo os persas, a origem da antagonia remonta a uma série de historietas cuja moral invariável é a do dito francês: **cherchez la femme!** Os fenícios teriam raptado uma moça européia, Io de Argos; pouco tempo depois, os gregos teriam raptado uma princesa fenícia, chamada Europa. O placar era de um a um, e o equilíbrio estava restabelecido. Mas agora foram os gregos, — segundo os persas, — que reiniciaram os atos de injustiça: navegando para a Cólquida, raptaram a princesa Medéia, a filha do rei Eétes; duas gerações depois, os asiáticos indenizaram-se desse roubo, levando Helena de Esparta para Tróia. Até agora, tudo isso não passou de raptos periódicos sem grande importância, mas daí em diante, — sempre segundo os persas, — os gregos se tornaram os grandes culpados. Pois êstes, levando muito a sério tal incidente, no fundo, insípido, mostraram-se gravemente ofendidos pelo rapto de Helena; se tivessem usado a cabeça, deviam ter sabido que Helena não foi raptada, mas se deixou raptar; até chegaram os gregos ao ponto de organizar uma expedição contra a cidade de Tróia e de destruí-la. A guerra troiana é, pois, segundo os persas, a causa remota do conflito entre a Ásia e a Europa. Heródoto, depois de relatar essas historietas, condimentado-as, por vêzes, com observações

(50). — O termo deriva das palavras gregas: *aítia* (= “causa, culpa”) e *lógos*.

irônicas, chega a esta conclusão, talvez cética, mas muito prudente:

“Eu por mim não pretendo nem afirmar nem desmentir essas histórias, mas continuarei minha exposição, depois de ter apontado quem sei ter iniciado as hostilidades contra os gregos... Ora, êsse foi Cresos, o rei dos lídios que foi o primeiro a subjugar os gregos da Jônia” (51).

E' assim que Heródoto entra no seu assunto e na exposição metódica dos fatos; por mais interessantes que sejam os “contos” ou as “historietas”, o que êle prefere são os fatos históricos, verificados não num passado mitológico, mas em plena luz da história. Cresos, e não Páris, é o culpado pela perturbação do equilíbrio entre os dois mundos.

Mas talvez não saibam os leitores quem foi êsse Cresos, e Heródoto se apressa em arrancar-lhes a ignorância. Cresos era descendente de um certo Gíges (52) que, de modo injusto, se apoderava do governo da Lídia na Ásia Menor. Mas todo e qualquer ato injusto provoca o castigo divino, se não diretamente ao malfeitor, ao menos seus descendentes (53). Ora, em Cresos havia de realizar-se a vingança do céu. Cresos, apesar da sua riqueza enorme, apesar da sua prosperidade invejável, — ou melhor, como havemos de ver mais adiante, — por causa do seu orgulho e da sua satisfação, companheiros inseparáveis de uma felicidade excessiva, — êsse Cresos foi, por sua vez, subjogado por Ciro, a quem sucumbiram igualmente os gregos jônicos da Ásia Menor. Mas quem era Ciro? Ciro era o rei dos persas, povo asiático que acabava de conquistar a hegemonia sobre os medos; depois de ter exposto a infância e a juventude de Ciro, — episódio estreitamente ligado à luta entre os persas e os medos, — Heródoto passa a narrar o reinado de Ciro, e seus triunfos sobre diversos bárbaros orientais, inclusive os babilônios. Depois da morte de Ciro, sucede-lhe seu filho Cambises que, levado pelo desejo de continuar a obra iniciada por seu pai, empreende uma expedição conquistadora contra o Egito; essa expedição ocasiona uma grande digressão de Heródoto sobre o povo, as instituições, a cultura, a religião e a história do Egito, digressão que abrange o livro II na sua totalidade. No

(51). — Hdt. I 5, 3-6, 2.

(52). — Hdt. I 8-12 (a história de Gíges); quanto a Gíges, cf. também Plato, *Poiteia*, II 359 C sqq; Cícero, de *Officiis*, III 38 (o anel de Gíges).

(53). — Cf. a pergunta dos discípulos a Jesus: “Mestre, quem pecou, êste (o homem cego de nascença) ou seus pais?” (Ev. João, IX 4), e Aeschylus, *Agamemnon*, 750-781.

livro III, Heródoto narra os acontecimentos principais e o resultado da expedição persa contra os egípcios, para depois narrar as perturbações que se verificaram na Pérsia por ocasião da morte de Cambises; delas sai vencedor Dario, o organizador do Império dos persas, — motivo suficiente para fazer uma digressão sobre essa organização. No livro IV, Heródoto descreve as expedições de Dario contra os citas, os cirenenses e os trácios, — outro motivo para falar demoradamente nos costumes e na história desses povos. No livro V, já entra na exposição dos fatos que preparam diretamente o caminho para a invasão dos persas na Grécia: é a revolta dos jônios contra os persas que teve um fim tão doloroso para os gregos; Atenas ajuda os jônios contra os bárbaros, o que dá a Dario o ensejo de mandar um exército contra os atenienses, que é derrotado perto de Maratona (livro VI). No livro VII, Dario prepara-se para uma nova agressão, mas morre durante os preparativos; seu sucessor Xerxes, decide-se, depois de algumas hesitações, a invadir a Grécia por terra e por mar; lemos a organização e os movimentos das tropas mobilizadas; lemos também o célebre episódio das Termópilas, onde Leônidas cai com seus trezentos espartanos. No livro VIII, Heródoto narra a vitória dos gregos em Salamina, e no livro IX a do exército grego perto de Platéias (54).

Uma composição majestosa, cheia de variações, cheia de episódios, de novelas, de digressões etnológicas, culturais, geográficas e religiosas; a obra de Heródoto tem a estrutura de uma epopeia, comparável à da *Iliada*, em que o tema central da “cólera de Aquiles”, a cada passo, vem sendo interrompido e abandonado, — mas também retomado, enriquecido e realçado — por inúmeros episódios. Cada vez que a exposição do tema central leva o autor a mencionar um povo, um país, um personagem, Heródoto insere na sua obra tôdas as notícias que conseguiu recolher sobre êles. E’ impossível, no quadro de uma palestra, dar uma idéia da riqueza dos episódios encontrados na obra de Heródoto, riqueza que, entretanto, não chega a deturpar a composição artística das *Historiae* nem o desenvolvimento metódico do tema, — fato já verificado pelos antigos críticos literários (55). Para nós, modernos, o encanto da obra de Heródoto consiste muitas vêzes mais nessa riqueza variadíssima do que no fio condutor.

54). — Heródoto escreveu possivelmente primeiro os livros VII-IX, e só depois os livros I-VI; sobretudo o livro V é de composição pouco clara.

(55). — Cf. Dionysius Halicarnassensis (século I a. C.), ad Cn. Pompeium, 3 (= VI 774); Longinus (*De Sublimitate*, XIII 4) chama Heródoto *homerikótatos*.

Resumindo, poderíamos dizer: Heródoto merece o título de “pai da história”, porque sua obra é o primeiro grande trabalho histórico baseado em pesquisas pessoais e metódicas; porque sua obra é a primeira tentativa de fazer uma história universal, no sentido necessariamente delimitado desta palavra; porque sua obra revela uma grande serenidade e isenção de espírito, qualidades raras ainda em autores modernos; porque sua obra pretende dar uma explicação racional de complexos históricos.

*

Até aqui os méritos de Heródoto que não me parecem exíguos; vejamos agora algumas das suas limitações.

I. Heródoto desconhece quase totalmente os idiomas estrangeiros: o egípcio (56), o babilônio, o persa (57), etc., estando incapacitado para fazer um estudo pessoal dos documentos escritos que podia encontrar no estrangeiro, ou para conversar diretamente com os intelectuais (geralmente, sacerdotes) dos diversos países civilizados que visitou. Tinha que servir-se de “guias de turistas” e de intérpretes que, muitas vezes, tinham pouca cultura, ou então tinham prazer em enganar o pobre de estrangeiro com informações sensacionais, impresionantes e maravilhosas, mas destituídas de uma sólida base histórica. O material, recolhido desta maneira, não podia deixar de ter valor duvidoso, e o único corretivo de que o nosso autor dispunha, era seu bom senso, mas este, por motivos evidentes, podia prestar-lhe serviços mais negativos do que positivos, isto é, podia induzi-lo a rejeitar certas informações reputadas inverossímeis por razões intrínsecas, mas não podia ajudá-lo muito a reconstruir cientificamente a história de povos estrangeiros. Mas não sejamos injustos para com nosso autor: a egiptologia e a assiriologia são disciplinas que nunca foram praticadas pelos gregos e romanos, sendo aquisições culturais de uma época bem recente.

II. Outro defeito de Heródoto é sua credulidade ou falta de espírito crítico, principalmente em relação aos egípcios (pela antigüidade de cuja civilização ficou profundamente impressionado) e em relação ao oráculo de Delfos (que, para êle, como para quase todos os seus contemporâneos possuía um imenso prestígio moral e religioso). Mas cumpre fazermos alguns reparos a respeito da credulidade de nosso autor.

(56). — Cf. Hdt. II 125, 6; II 143, 4.

(57). — Cf. Hdt. I 139.

a) Heródoto é crédulo, comparado com um homem moderno; comparado com os seus contemporâneos, dá provas abundantes de possuir um espírito bastante crítico e independente. Não nos esqueçamos de que o “pai da história” ainda vivia num “mundo maravilhoso”, cheio de presságios, oráculos, intervenções divinas, reminiscências épicas, etc. O fato importante é que Heródoto começa a refletir sobre o conteúdo dos mitos e das lendas tradicionais, procurando racionalizá-los (58) ou integrando-os, como “símbolos”, numa mundividência esclarecida (59). O que aqui, como alhures, importa, não é tanto o resultado objetivo das pesquisas, quanto o método, a iniciativa, em suma, o levantamento dos problemas.

b) Também convém frisarmos que Heródoto já faz uma distinção nítida entre os tempos “míticos” e os tempos “históricos” (60); aquêles lhe parecem sujeitos a normas diferentes das que prevalecem nos tempos históricos, em que a intervenção divina limita-se praticamente a proferir oráculos, e a enviar sonhos aos mortais (cf. por exemplo Hdt. VIII, 77).

c) Em oposição ao seu precursor Hecateu, que se ufana de substituir, na sua obra, as opiniões correntes dos gregos por suas idéias pessoais (61), Heródoto, procedendo como bom pesquisador, faz questão de expor as diversas opiniões dos seus informantes, para, depois, optar por aquela que lhe parece a mais provável (62), ou então, para deixar a escôlha aos seus leitores (63), chegando a dizer:

“E’ meu dever relatar as diversas opiniões, mas ninguém pode obrigar-me a aceitá-las, e esta palavra deve ser aplicada a tôda a minha obra” (64).

Esta atitude, além de ser honesta, revela muito bom senso, espírito crítico e até uma certa nota de ceticismo (65). Hecateu parece-nos racionalista primitivo, ao passo que Heródoto é um trabalhador que já tomou consciência das suas delimitações e reconhece as dificuldades inerentes à reconstrução científica do passado humano.

(58). — Cf. Hdt. II 57, 2 (as sacerdotizas de Dodona que “arrulhavam como pombas”).

(59). — Cf. Hdt. VII 129, 4 (onde mistura Posídon e terremotos numa só teoria geológica).

(60). — Cf. Hdt. III 122, 2 (comparação entre Minos e Polícrates).

(61). — Hecateus, fragm. 332 (apud FHG, I pág. 25).

(62). — Cf. Hdt. II 123, 1; VI 82, 1; VII 152, 1; I 1-4; IV 5-12; saepius.

(63). — Cf. Hdt. III 122, 1; V 45, 2; saepius.

(64). — Hdt. VII 152, 3; II 123, 1.

(65). — Cf. Hdt. V 86, 3; II 55-56.

d) As opiniões que Heródoto registra, são muitas vezes registradas num certo tom irônico, prova de que o autor delas se distancia ou, pelo menos, guarda uma certa reserva em relação a elas. A ironia de Heródoto, quase sempre discreta e sutil, poderia ser o tema de um estudo monográfico. A nosso ver, a falta de crítica imputada muitas vezes ao nosso autor não raro se evidencia uma falta de crítica por parte dos leitores modernos a que escaparam as várias tonalidades de ironia herodotiana que revelam um espírito fino e, ao mesmo tempo, maduro. Mas é impossível focalizar êste aspecto da obra de Heródoto nesta palestra.

Feitas essas distinções necessárias, cumpre reconhecermos, porém, que Heródoto era mais um espírito “curioso” do que crítico, mais contador inigualável de boas histórias do que investigador laborioso, mais literato épico do que pesquisador metuculoso e metódico. Assim compreendemos também a palavra altiva de Tucídides, pela qual procura destacar o seu trabalho das obras dos seus precursores:

“O fato de ser destituída de elementos míticos a minha obra talvez a torne menos atraente para uma declamação pública; entretanto, os que apreciarem uma informação exata sôbre o passado e, por isso mesmo, sôbre o futuro (o qual, em virtude da condição humana, será igual ou semelhante), êsses a julgarão muito útil, e basta-me saber isso. E’ uma aquisição para sempre, e não uma ostentação efêmera” (66).

III. Quanto à indagação das causas, Heródoto não conseguiu livrar-se da tradição épica. Não encontramos nas **Históriae** uma distinção nítida entre causas remotas e causas ocasionais que, no fim do século V, havia de ser formulada por Tucídides; tão pouco encontramos nelas uma distinção entre causas permanentes e determinantes de um lado, e causas passageiras e acidentais por outro lado, como Aristóteles e Políbio haviam de fazer. Sua indagação das causas históricas, — aí está sua grande fraqueza, — é bastante primitiva. Primitiva, porque suas causas são demasiadamente pessoais, ocasionais, acidentais, “épicas”, e estreitamente ligadas a um mundo mitológico. Antes de terminar esta palestra, quero chamar vossa atenção para o exame dêsses fatores.

a) Heródoto dá excessiva, ou melhor: quase exclusiva, ênfase aos motivos pessoais dos seus heróis, sem se preocupar

(66). — Thucydides, I 22, 4.

muito com enquadrá-los num complexo histórico, sociológico e ideológico. Do grande princípio de Aristóteles:

“As revoluções humanas não se fazem por causa de motivos pequenos, mas embora nasçam muitas vezes de ocasiões pequenas, tratam de coisas muito importantes” (67), —

dêsse princípio Heródoto pouco ou nada sabe. Damos um só exemplo: a fundação da democracia ateniense por Clístenes é explicada não pela situação econômica, social e ideológica da época, mas simplesmente pelo desejo do herói de imitar seu avô (68). Esse procedimento prova como Heródoto ainda está firmemente arraigado na tradição épica do seu povo.

b) O indivíduo humano é, na concepção de Heródoto, o motor do processo histórico, como o é o herói do conto épico. Mas do mesmo modo que na epopéia atrás da, — ou melhor: através da — atuação dos heróis se entrevê a atuação divina num plano superior, o Olimpo, assim também se percebe o fundo sobrenatural como uma realidade onipresente nas *Historiae*. Os motivos humanos, as atividades humanas, por mais interessantes e importantes que sejam, refletem, ou antes, traduzem uma certa disposição transcendental, uma ordenação divina do universo. Essa ordenação o homem não a criou nem a conhece nos pormenores, e muito menos ainda consegue dominá-la; o homem tem de servi-la, embora muitas vezes inconsciente do seu papel “cósmico” e não raro em franca revolta contra êle.

Tão pouco como Homero, mostra Heródoto uma profunda religiosidade, isto é, pouco nele percebemos de uma relação pessoal, afetiva e fecunda entre o homem e a divindade, — isto em oposição a um Hesíodo, um Êsquilo, um Píndaro, um Sófocles. Mas essa falta de fervor religioso pessoal não o impede de ter uma visão teológica do processo histórico; ao refletir sobre as derradeiras causas que atuam no processo histórico, Heródoto não chega a adotar uma atitude completamente humanista, quase positivista, que havia de ser adotada por um Tucídides trinta anos depois; filho de uma geração menos radical, ainda não trabalhada pelas doutrinas esclarecidas dos sofistas (68a), não cogita em eliminar o sobre-

(67). — Aristóteles, *Política*, V 4, 1.

(68). — Cf. *Hdt.* V 69.

(68a). — Sem dúvida, conheceu Heródoto a primeira geração dos sofistas que atuavam na Grécia. Muitos críticos vêem influências da sofística na obra do historiador, p. e. “o costume é todo-poderoso” (*Hdt.* III 38), e “o debate sobre o melhor regime político” (*Hdt.* III 80-82).

natural, nem quer fazer abstração do mesmo. A atuação “do mundo divino” (69) sôbre “o mundo humano” parece-lhe não só um fato indiscutível, como também uma hipótese absolutamente necessária, sem a qual os fatos históricos seriam inexplicáveis e não teriam nenhum sentido. Integrado na tradição épica e, por outro lado, influenciado pelo “iluminismo” da escola jônica, procura desvendar a grande lei que rege a história sem conseguir livrar-se de conceitos mitológicos. Mais uma vez: Heródoto ocupa um lugar intermediário entre a epopéia antiga e a historiografia moderna dos gregos.

Segundo o filósofo Heraclito de Éfeso, tudo se acha em movimento (70); o Universo é uma corrente perpétua em que se alternam eternamente o devir e a decomposição (71); seus elementos constituintes estão envolvidos numa luta incessante, luta fecunda e geradora de uma bela harmonia, porque a harmonia é o resultado da competição entre elementos contrários (72). Essa luta não teria nenhuma racionalidade, nenhum princípio unificador, se não existisse o **Lógos**, a “Eterna Sabedoria”, princípio inerente ao perpétuo processo de mudança. Há mais: o mesmo **Lógos** poderia ser chamado também de “Eterna Justiça”, visto ser o princípio regulador que domina o processo de mudança. Diz êle:

“O sol não pode transgredir os seus limites, porque tal transgressão logo seria descoberta pelas Fúrias, as auxiliares da Justiça” (73).

Heródoto nunca menciona nas *Historiae* “o filósofo obscuro” de Éfeso, e nunca se refere explicitamente às suas teorias; de modo geral, mostra muito pouco interêsse por especulações estreitamente filosóficas (74). Mas, apesar do seu desinterêsse por assuntos abstratos, nosso autor, espírito sumamente curioso e vivamente interessado por tudo o que se passava na sua época, não podia desconhecer as tendências gerais

(69). — Heródoto usa a palavra “deus”, etc. na forma neutra sg. (to théion) p. e. I 32, 1; III 40, 2; — na forma masculina (sg.), p. e. VII 10, 1; VII 46, 4 (ho theós); — também o substantivo neutro to daimónion, p. e. V 87, 2.

(70). — Heraclitus, fragm. 12; 91, etc. (cf. *painta rhei*).

(71). — Heraclitus, fragm. 60; 62; 76; 30, etc.

(72). — Heraclitus, fragm. 8; 80; 53; etc.

(73). — Heraclitus, fragm. 94.

(74). — Heródoto não tinha uma cultura livresca, mas seus conhecimentos baseavam-se sobretudo em contactos pessoais com os personagens de destaque da sua época; seu espírito prático, quase empírico, estava voltado para as coisas concretas da vida, pelas quais se interessava com grande abertura mental. “Os olhos são testemunhas melhores do que os ouvidos” (cf. *Hdt.* I 8, 2).

de pensamento pré-socrático nem podia deixar de ser direta ou indiretamente influenciado pelo mesmo; o clima espiritual que reinava na sua pátria, tinha que repercutir-se na sua reflexão sôbre as causas históricas. Heródoto, provindo da escola épica, mas desde cedo atingido pelo espírito indagador (**história**) dos jônios, tornou-se filósofo mau grado seu, chegando a desenvolver na sua obra histórica uma certa “filosofia da história” que, se não foi diretamente inspirada por Heraclito (o que é menos provável), ao menos apresenta semelhanças notáveis com a doutrina dêsse pensador.

Não podemos discutir aqui pormenorizadamente as relações ideológicas que existem entre Heródoto e os filósofos pré-socráticos; nem tão pouco podemos confrontar sua “mundividência” com a de outros ilustres gregos da sua época (Ésquilo, Píndaro, Sófocles, etc.). Devemos limitar-nos a dar alguns exemplos ilustrativos das idéias fundamentais de Heródoto, deixando de lado a questão complicada de influências diretas e indiretas.

O mundo histórico acha-se em perpétuo movimento:

“O que outrora era grande, tornou-se muitas vêzes pequeno em nossos dias, e **vice-versa**; bem sabendo que nada é menos estável do que a fortuna humana, pretendo descrever as suas peripécias nos dois sentidos” (75).

Em outro lugar lemos uma variante do adágio brasileiro:

“Raio não cai em pau deitado”,

quando diz:

“Vês como Deus fere com o raio tudo o que sobressai; não permite a ostentação, mas pouco se incomoda com as coisas pequenas e humildes... Deus costuma minguar o que se eleva” (76),

e ainda:

“A divindade é ciumenta e perturbadora” (77).

O ciúme dos deuses, — eis a imagem mitológica (comparável à das Fúrias no sistema filosófico de Heraclito) de que Heródoto se serve para designar a lei universal que rege o mundo histórico. Seus elementos constituintes — os indivíduos e as coletividades — acham-se em perpétuo movimento, tal como o **Kósmos** de Heraclito; tendem a destacar-se, a sa-

(75). — Hdt. I 5, 4.

(76). — Hdt. VII 10a.

(77). — Hdt. I 32, 1; cf. III 40, 2; VII 46, 4; VIII 109, 3.

liantar-se, a elevar-se em detrimento de outros elementos e, por isso mesmo, em prejuízo da harmonia universal. Os homens, deslumbrados por sua felicidade, seu poder, sua prosperidade, chegam a esquecer-se da sua condição humana: “conhece-te a ti mesmo!”; sua felicidade lhes parece um bem inalienável; devido a essa cegueira mental, julgam-se senhores soberanos do seu destino. Destarte se atrevem a ultrapassar os limites humanos e cometem o grave pecado de “descomedimento” (hýbris), não raro instigados por deuses pérfidos e cruéis: **Deus quem perdere vult, prius dementat** (78). Mas, uma vez perturbada a ordem do universo, cai sôbre êsses desgraçados a terrível vingança divina, consequência inevitável da Inveja celeste, forçando-os a reconhecer que não passam de miseráveis mortais. Daí residirem a suprema sabedoria e a suma piedade, características, não só de Heródoto, mas de muitos outros autores gregos da época clássica, em não querer abandonar presumidamente o indivíduo humano o lugar que deve ocupar no **Kósmos**, no Universo ordenado e equilibrado; a maior virtude herodotiana é a **sophrosýme**, a moderação, a prudência, a circunspeção em relação ao mundo sobrenatural. Sem a **sophrosýme**, o homem expõe-se ao êrro fatal de originar com os seus atos descomedidos um desequilíbrio entre os elementos constituintes do Universo, e cabe a “Nêmesis” (79) reconduzir o homem orgulhoso para o seu lugar.

A obra de Heródoto dá numerosos exemplos dêsse orgulho humano: mencionamos aqui a figura de Cresos, o rei dos lídios, homem imensamente rico e próspero; julgava-se fora do alcance dos golpes do destino, a despeito das lições que lhe foram ministradas por Sólon de Atenas. **Respice finem!**: o homem não deve elogiar o dia antes de ter caído a noite; Cresos havia de terminar mal, apesar das suas tentativas de subornar o oráculo de Delfos; poucos anos depois foi derrotado por Ciro, o rei dos persas (80). Outro célebre exemplo de um homem poderoso humilhado pelo Destino é Polícrates, o tirano de Samos, que igualmente acabou por ser subjugado pelos persas, tendo um fim pior do que Cresos, visto que sofreu uma morte ignominiosa na cruz (81).

(78). — Tradução latina de um verso grego encontrado apud Scholia in Sophoclis Antigonem, 620. — Um exemplo desta “cegueira mental” provocada pelos próprios deuses encontra-se em Hdt. VII 12-18 (Xerxes é instigado por uma visão, que lhe aparece no sonho, a não desistir dos seus planos de invadir a Grécia).

(79). — Cf. Hdt. I 43, 1.

(80). — Hdt. I 26-94.

(81). — Hdt. III 39-59; III 120-128.

A lei da vingança é de natureza cósmica e fatal; contra ela são impotentes os esforços até dos deuses imortais, como admite o próprio Apolo no seu oráculo de Delfos (82). A existência dos deuses tradicionais não é negada, mas seu papel se tornou subalterno ao Destino (**Moiras**). Os deuses, mais clarividentes do que os homens, parecem ser, na obra de Heródoto, os colaboradores e os executores conscientes da grande lei cósmica; ao passo que os homens querem escapar-lhe e até burlá-la, os deuses, tendo uma visão mais ampla e profunda do conjunto, submetem-se-lhe voluntariamente, e o máximo que podem fazer em favor dos seus devotos, é adiar um pouco a vingança celeste ou abrandar-lhe as conseqüências (83).

A mesma lei se refere também aos povos. Aos olhos de Heródoto, os persas ultrapassaram os limites que lhes estavam demarcados, pelas suas tentativas de subjugar a Europa. Se tivessem conseguido realizar os seus planos, teriam destruído o equilíbrio pré-estabelecido entre os gregos e os bárbaros, — dois elementos primordiais do mundo histórico, na concepção de Heródoto (84). O **dáimon** — o gênio mau — do povo persa quer inexoravelmente que Xerxes, apesar das suas hesitações iniciais, prossiga o caminho tomado por seus antecessores rumo a um Império Mundial, levando-o impiedosamente à sua própria destruição (85). A lei cósmica intervém exatamente no momento da maior expansão do poderio persa: Xerxes, que subjogou o Helesponto e açoitou o mar, que reuniu uma frota imensa e um exército antes nunca visto, é derrotado pela pequena Grécia. Por que? Porque esta derrota é a única maneira de reintroduzir no processo histórico o equilíbrio das forças, — esta palavra entendida não no seu sentido político, mas no seu âmbito universal de lei cósmica. Essa lei universal faz com que Heródoto preste relativamente pouca atenção às causas secundárias da sua história: a melhor organização dos gregos, seu patriotismo cívico, a superioridade dos seus líderes, — tudo isso não passa de uma causa “instrumental” completamente subordinada à lei transcendente e divina.

Numa concepção deste tipo não há lugar para progressismo; a visão de Heródoto é exclusivamente retrospectiva, não prospectiva; não abre horizontes para um mundo melhor, mais

(82). — Hdt. I 91, 1.

(83). — Hdt. I 91 (o capítulo inteiro).

(84). — Cf. Hdt. VIII 13: “Deus (ou a Divindade) fazia tudo para que o poder dos persas fôsse igualado ao dos gregos, e não lhe fôsse muito superior”.

(85). — Neste particular, a visão de Heródoto é diferente da de Esquilo (no drama *Persae*); para o dramaturgo, a *hybris* dos persas começa só com Xerxes; para o historiador, já com Ciro.

humano, mais justo. Ainda que não professe declaradamente a Lei do Eterno Retôrno, tanto em voga entre os pensadores e os historiadores da Antigüidade greco-romana, sua concepção do processo histórico é “circular” (86), ou talvez melhor: o movimento do seu mundo histórico é comparável à oscilação de um pêndulo. A história é o terreno do eterno movimento, a que falta tôda e qualquer linha ascensional; nela não se encontram coisas absolutamente novas e únicas, nela não se caminha rumo a um fim transcendente ou imanente; estamos encarcerados num **Kósmos**, belo e interessante, mas, no fundo, sem sentido e sem esperança definitiva. Heródoto desconhecia o conceito bíblico de criação, e desconhecia muito mais ainda o conceito cristão de redenção. Mas elaborar a oposição fundamental entre a cosmovisão pagã e a cristã levar-nos-ia muito longe, sendo um assunto que poderia ser reservado melhor para outra conferência.

JOSE' VAN DEN BESSELAAR

Professor de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (Estado de São Paulo)

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

- Hans Bogner — **Vom geschichtlichen Denken der Griechen**, F. H. Kerle Verlag, Heidelberg, 1948.
- J. B. Bury — **The Ancient Greek Historians**, Dover Publications, Inc., New York, 1958 (1a. edição de 1908).
- Charles Norris Cochrane — **Christianity and Classical Culture. A Study of Thought and Action from Augustus to Augustine**, A Galaxy Book, New York, Oxford University Press, 1957 (1a. edição de 1940).
- Herodotus — **Historien, met Inleiding en Commentaar**, uitgegeven door Dr. B. A. van Groningen, Leiden, E. J. Brill, 1949 (edição completa das **Historiae** de Hdt., com introdução e comentários, 5 volumes).
- W. W. How & J. Wells — **A Commentary on Herodotus**, I-II, Oxford, at the Clarendon Press, 1957 (1a. edição de 1912).
- F. Jacoby, artigo — **Herodotus**, apud Pauly-Wissowa's — **Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft**, Suppl. II (1913).
- Ph.-E. Legrand — **Hérodote. Introduction**, Paris, “Les Belles Lettres”, 1955.

(86). — Cf. Hdt. I 207, 2.